

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

VERA LÚCIA PEDRON

**A PINTURA COMO FONTE NO ENSINO EM HISTÓRIA:
A obra “A Negra” de Tarsila do Amaral e a questão racial na contemporaneidade**

CAXIAS DO SUL

2020

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

VERA LÚCIA PEDRON

A PINTURA COMO FONTE NO ENSINO EM HISTÓRIA:
A obra “A Negra” de Tarsila do Amaral e a questão racial na contemporaneidade

Trabalho de conclusão de curso elaborado como parte das exigências necessárias para obtenção da graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade de Caxias do Sul, na Área do Conhecimento de Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Ramon Victor Tisott

CAXIAS DO SUL

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por todo o suporte que me deram durante essa longa caminhada.

Aos professores docentes do bloco H que ao longo da graduação ajudaram-me com seus ensinamentos, pois há um pedacinho de cada um deles nesse trabalho.

Agradeço ao meu professor orientador Dr. Ramon Victor Tisott pela paciência e ajuda.

“Nenhum artista poderá escapar à influência do meio, às ideias da sua época.”

Tarsila do Amaral

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a análise de como a pintura pode ser utilizada como instrumento de ensino de história. Para tal, foi descrito como a obra “A Negra” de Tarsila do Amaral pode ser usada para abordar temáticas históricas sensíveis, como a escravidão. Visto que, a tela foi construída a partir das memórias da infância de Tarsila, quando ela teve contato direto com ex-escravos da fazenda de café de sua família, e também da inspiração de fotografias de negras e máscaras africanas. Ademais, o trabalho também visa ressaltar as contribuições que o ensino interdisciplinar de arte e história permitem, pois verifica-se que a arte juntamente com a história possibilita ao aluno o desenvolvimento de sua criatividade, visão crítica, autonomia e socialização. A coleta de dados para fundamentar o trabalho foi realizada por meio de artigos, trabalhos acadêmicos, livros, documentos eletrônicos, revistas e catálogos de arte. E os resultados da pesquisa indicaram que a tela “A Negra”, ao ser tratada por meio de uma abordagem triangular, torna-se um instrumento valioso, já que resalta a importância cultural do povo africano, antes de introduzir o tema escravidão, evitando assim a redução de negros a escravos e o racismo.

Palavras-chave: Ensino; Arte; História.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “A Negra”.....	p. 11
Figura 2 – Fotografia.....	p. 13
Figura 3 – Esboço.....	p.21
Figura 4 – Máscara africana.....	p.23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. Tarsila do Amaral e sua inspiração artística que retrata sua infância	10
3. A arte em sala de aula	15
4. A arte moderna e primitivista de Tarsila do Amaral vista em “A Negra”	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6. REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

Ao perceber a falta de maior aproveitamento e aplicabilidade da arte visual no ensino na sala de aula em história nos livros didáticos, notou-se a necessidade de elaborar um projeto com ênfases na utilização da pintura como fonte de complementação na aprendizagem do aluno. Buscando problematizar como a pintura e a história em confluência poderão construir conhecimentos em um processo mais aprofundado proporcionando um diálogo mais cultural.

O presente trabalho, então, tem como objetivo analisar como a pintura “A Negra”, da artista plástica Tarsila do Amaral, pode ser utilizada como fonte de conhecimento histórico da cultura africana em sala de aula. Visto que, a artista teve contato direto durante a sua infância com os ex-escravos da fazenda de cafezais de sua família.

A obra “A Negra” foi desenvolvida em Paris, no auge do movimento de arte primitivista europeu, o qual possibilitou a apresentação e reconhecimento da cultura afro-brasileira ao mundo. Pois, Tarsila ao pintar a tela utilizou-se das memórias da sua infância, fotografias e máscaras africanas, oportunizando o seu reconhecimento como uma renomada artista plástica brasileira que transferiu a cultura de seu país para suas telas.

Desse modo, o presente trabalho tem como prioridade demonstrar que a arte pode ser utilizada como fonte e objeto de ensino para as didáticas históricas para abordar temáticas sensíveis como a escravidão. E também, ressaltar as contribuições que esta poderá adicionar na aprendizagem do aluno em sua subjetividade, tornando-os autocríticos com uma visão mais analítica do mundo.

Pois, também é tarefa dos historiadores formar cidadãos mais conscientes com habilidades de interpretar, compreender e refletir sobre o contexto no qual vivem. E a arte junto com a história, de maneira interdisciplinar, podem ser um meio para a realização da alfabetização cultural¹ e de uma construção mais dinâmica que favoreça o aluno.

Este trabalho é constituído de três capítulos, sendo o primeiro, “Tarsila do Amaral e sua inspiração artística que retrata sua infância”, o qual aborda a vida da artista plástica no interior de São Paulo, onde viveu sua infância, relacionando com o contexto escravista e também relatando suas experiências na Europa, início de sua carreira na arte, entre os séculos XIX e XX.

¹ Alfabetização cultural ocorre durante o processo de desenvolvimento do indivíduo, possibilitando que o mesmo consiga entender o universo sociocultural no qual está inserido. (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999 apud Mendonça, 2011, p. 23).

O segundo capítulo, “A arte em sala de aula”, apresenta a importância da arte como utilização de ferramenta didática por meio da contextualização e leitura de obra de arte como uma maneira de ajudar o aluno a adquirir uma consciência histórica junto com um desenvolvimento de sua criatividade, aprimorando sua visão crítica, sua autonomia e socialização.

E o terceiro capítulo, “A arte moderna e primitivista de Tarsila do Amaral vista em ‘A Negra’”, analisa os elementos como máscaras, fotografias e lembranças, que a artista coletou para criar a sua obra primitivista, unindo a cultura africana com a brasileira. Ademais, o capítulo, relaciona como essa obra pode ser utilizada para abordar temáticas sensíveis como a escravidão em sala de aula, pois explicar a cultura africana antes de um fato histórico ajuda a evitar situações de racismo dentro e fora do ambiente escolar.

2. Tarsila do Amaral e sua inspiração artística que retrata sua infância

Tarsila do Amaral, nascida em 1º de setembro de 1886 na Fazenda São Bernardo, no município Capivari, interior de São Paulo, foi uma artista do modernismo brasileiro que manifestava, em suas obras, “a importância de uma perspectiva descolonizadora, ou resistente à dominação e submissão a temas e preceitos europeus”. (PEDROSA; OLIVA, 2019, p. 31).

Tarsila viveu sua infância na fazenda de sua família no interior de São Paulo, local este que possibilitou-a ter contato com uma cultura “abrasileirada”, a qual serviu como inspiração para seus futuros quadros. Em várias de suas citações, Tarsila demonstra que este contato permitiu que a mesma pudesse trazer “tendências de seu próprio país para arte”. (PEDROSA; OLIVA, 2019, p. 33).

Quando a questionavam sobre sua infância, ela definia que tinha sido constituída de três sensações: a paisagem, a fazenda e a França (AMARAL, 2010, p. 34). Fato este que pode ser verificado em suas telas, as quais retratam estes elementos de suas memórias:

Temas e narrativas, personagens e paisagens, animais, plantas, cores e formas. São paisagens do interior ou do subúrbio de Minas Gerais ou do Rio de Janeiro, da fazenda ou da favela, povoados indígenas ou negros, personagens de contos, lendas e mitos, cheios de animais e plantas, reais ou fantásticos, estilizados ou híbridos. (PEDROSA; OLIVA, 2019, p. 35).

Esses pequenos detalhes tornaram Tarsila uma artista plástica singular, a qual buscou salientar a sua raiz em suas obras, assinando a identidade cultural do Brasil nelas. Dentre suas obras, no ano de 1923, em terras parisienses, surge “A Negra” (Figura 1). Tela que manifestou-se da necessidade de Tarsila se posicionar no ambiente artístico internacional de Paris, na década de 1920. (CASTRO, 2019, p. 54).

A pintora afirmou que por Paris estar farta de sua própria arte, facilitava a outros países introduzir suas tendências artísticas próprias. Desse modo, a partir deste contexto que permeava Paris, relacionado a artes primitivas no início do século XX, a artista começou “a pintar uma tela retangular, retratando uma mulher negra sentada, com traços exagerados e um único seio caído, intitulada por ela “A Negra”. (CASTRO, 2019, p. 55).

Figura 1: “A Negra”

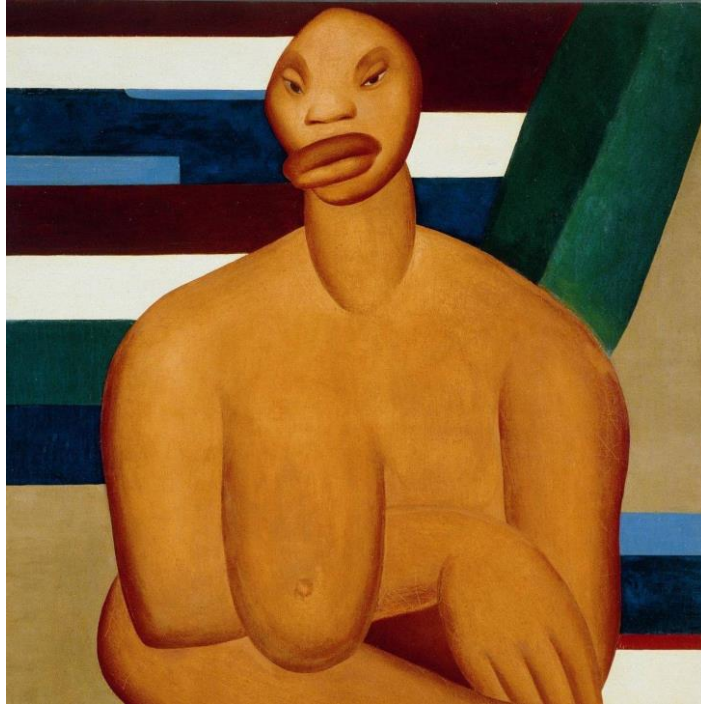


Figura 1: Tela: A Negra; Óleo sobre tela; 100 x 80 cm; Estilo: Cubismo; Artista: Tarsila do Amaral; Ano: 1923; Acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Brasil.

Fonte: Tarsila Popular; Masp, p. 55.

Eis “A Negra”:

Uma mulher negra nua está sentada diante de fundo listrado. O seio direito se encontra caído sobre o braço direito, que descansa desconfortavelmente diante de seu estômago. Atrás dela há uma folha de bananeira estilizada, sugerindo um lugar tropical, a cabeça da mulher é desproporcionalmente pequena em comparação com o seu corpo e os traços faciais, ao passo que a boca é tão volumosa que ultrapassa a extremidade do rosto, invadindo as faixas coloridas do fundo. Junto com o nariz achatado e os olhos angulosos, a boca grande demais enfatiza sua negritude explorada sob o jugo de uma cor e cultura diferente. (CASTRO, 2019, p.188).

Plenamente ciente do apelo de sua própria alteridade aos olhos de seus colegas em Paris, Tarsila entrelaçou “uma rede complexa de fontes visuais interculturais para construir uma imagem particular da negritude”. A qual foi impulsionada pelo “interesse de seus companheiros franceses”, já que, no início do século XX, Paris estava no auge da negrofilia francesa, ressaltando o interesse pelas artes primitivas e a cultura negra em geral. (CASTRO, 2019, p. 55-56).

No entanto, a obra “A Negra”, apesar de ter nascido por meio das técnicas aprendidas em seus estudos de arte moderna com os pintores cubistas franceses André Lhote (1881-1962), Albert Gleizes (1881-1953) e Fernand Léger (1881-1955), era brasileira. (CASTRO,

2019, p.188). Pois, como a própria Tarsila mencionava, a tela originou-se das lembranças das escravas da fazenda de seus pais. (TARSILA apud CASTRO, 2019, p. 188).

O primitivismo é uma tendência da arte que se iniciou com artistas autodidatas, que não se preocupavam com a estética se limitando à ingenuidade e ao exótico que beirava uma falta de sofisticação na pintura. Este estilo surgiu na França no período de 1886 e era alvo de muita crítica, pois se mantinha na simplicidade contrariando os movimentos de artes acadêmicos pela ausência e distanciamento das influências eruditas, tais obras desenvolviam temas baseados no estilo de vida simples nas sociedades pré-industriais e nas culturas pré-colombianas, africanas e da Oceania. (PETRY; FLORES, 2019, p. 86).

Nesse contexto, verifica-se que o movimento cubista primitivista possibilitou a Tarsila a liberdade necessária para ressaltar a cultura brasileira, enquanto se envolvia na vanguarda internacional. (CASTRO, 2019, p. 57). Fato este que pode ser visualizado na obra “A Negra”, na qual a negritude relatada era ligada ao primitivismo, porém apresentava uma ideia diferente dos artistas europeus, pois

Eles podiam negar a contemporaneidade de artistas africanos ao designar sua arte como primitiva, mas o mesmo não era plausível para Tarsila, que vivia em um país composto em grande parte por descendentes da diáspora africana. Para ela, povos negros e indígenas constituíam outros, mas eram ao mesmo tempo intimamente conectados a sua própria identidade nacional. (CASTRO, 2019, p. 59).

Portanto, apesar de Tarsila pertencer a uma elite e ser filha de produtores de café, ao pintar a obra “A Negra”, percebe-se que a mesma “reconheceu o papel desempenhado pelos negros brasileiros na concepção da identidade nacional moderna”.(CASTRO, 2019, p. 55). Já que a obra introduz uma nova concepção e um debate sobre a questão racial nesse período, à vista que “pela primeira vez um negro é mostrado com destaque e força”. (PETRY; FLORES, 2019, p. 90).

Tarsila teve o entendimento da cultura negra moldado por meio de sua experiência direta com as plantações no contexto pós-abolição e sob a ascensão da família Amaral. (CASTRO, 2019, p. 60). E, também, de evidências encontradas em seus pertences, uma fotografia (Figura 2) de uma mulher negra anônima, entre as páginas de um dos seus álbuns de viagens.

Figura 2 - Fotografia



Figura 2: Fotografia de mulher desconhecida do álbum de viagem de Tarsila do Amaral (1922-1926); sem data; 33,5 x 22 cm; Coleção Particular, São Paulo, Brasil. Fonte: Tarsila Popular; Masp, p. 55.

Independente de qual das duas tenha surgido primeiro, a pintura ou a fotografia, é evidente que a artista ao criar “A Negra” apresentava essa imagem e lembranças de sua infância em sua mente, pois ambas apresentam características idênticas. (CASTRO, 2019, p. 61). Pois, quando Tarsila era questionada sobre a obra, ela relatava que, quando tinha cinco anos, teve contato com escravas que moravam na fazenda de seus pais, e que tinham lábios caídos e seios enormes. (CASTRO, 2019, p. 62).

Ademais, para contextualizar a obra é necessário demonstrar que, na década de 1920, o Brasil estava em um período conturbado em relação às questões raciais, pois o papel desempenhado pelos fazendeiros de café gerava uma propagação do pensamento racista, pois:

Na virada do século, com apoio dos fazendeiros de café, o governo da Velha República do Brasil (1889-1930) promoveu um programa de branqueamento racial, baseado em subsídios estatais que incentivaram a imigração de países predominantemente brancos. O ideal do branqueamento tentou reconciliar as teorias europeias racistas de evolucionismo social de fins do século 19, que enfatizavam a superioridade da branquitude e de sociedades brancas, com a realidade racial miscigenada do Brasil. (CASTRO, 2019, p. 61).

Desse modo, Tarsila nasceu e viveu em meio a uma sociedade burguesa paulista, na qual era proliferado reflexos desse contexto racial, o que permitiu a artista servir-se dele como inspiração para sua obra, “A Negra”. No entanto, apesar do contato que Tarsila teve com

mulheres negras e do seu conhecimento sobre a violência sofrida por elas no papel de mães e amas de leite, a referência de Tarsila ao arquétipo da mãe preta não é crítica, “mas uma estratégia de primitivização que por parte da artista demonstra a nova consideração e inclusão dos negros brasileiros em sua concepção da modernidade brasileira”. (CASTRO, 2019, p. 63).

Sendo assim, a obra “A Negra”, “é o produto desse intercâmbio transnacional, tanto paulista como parisiense, pois vem tanto do primitivismo de vanguarda de Léger quanto da personagem da mãe negra nas décadas que sucederam à abolição.” (CASTRO, 2019, p. 64). No entanto, embora a escolha de pintar “A Negra” tenha influência do primitivismo, foram as memórias e experiências da infância de Tarsila que a fizeram refletir o Brasil com pureza, encanto, perfeição e franqueza. (AMARAL, 2010, p. 165).

3. A arte em sala de aula

A arte é uma necessidade para o homem desde remotos tempos da nossa história, pois uma das expressões mais instigantes é a arte rupestre presente em todos os continentes. Uma das interpretações mais recorrentes é que a arte pode ser vista como um caminho para o ser encontrar soluções para superar determinadas dificuldades do seu cotidiano e desenvolver seu senso crítico. Desse modo, pode-se dizer que “Arte não é enfeite. A arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo, como conteúdo, a arte representa o melhor trabalho do ser humano” (BARBOSA, 2014, p. 4).

Nesse contexto, a Arte pode ser utilizada como uma ferramenta de ensino valiosa em sala de aula, principalmente na História, pois é capaz de possibilitar ao aluno o desenvolvimento de sua criatividade por meio do aprimoramento da sua visão crítica, da autonomia e socialização. Além disso, a mesma garante ao aluno um diálogo intercultural, habilidade esta fundamental nos dias de hoje. Pois,

Existe uma distância de habilidades cada vez maior entre o que as escolas estão ensinando e o que a economia de fato precisa. A ironia é que em muitos países existe uma abundância de trabalho a ser realizado, mas apesar de massivos investimentos em educação, muitas pessoas não têm as habilidades necessária para realizá-lo. (ROBINSON; ARONICA, 2019, p. 23).

No entanto, a educação não se fundamenta em apenas uma área da vida do indivíduo, o trabalho, ela atua em toda a construção do ser na sociedade. Segundo a socióloga e pesquisadora Sandra Unbehaum, Fundação Carlos Chagas, a “educação é o ar que respiramos pois, por meio dela aprendemos a nos preparar para a vida como um todo, socialmente, economicamente e culturalmente. (SANDRA UNBEHAUM apud INSTITUTO VIDAS RARAS, [2019]).

Ademais, segundo o Instituto Vidas Raras, uma boa educação resulta em promoção de saúde de qualidade, diminuição da violência, crescimento da economia, garantia dos direitos humanos, proteção do meio ambiente e fortalece a democracia. (INSTITUTO VIDAS RARAS, [2019]). Logo, a educação:

Exerce forte influência nas transformações da sociedade reforçando capacidade crítica do indivíduo e atesta o grau de desenvolvimento de uma sociedade. Quanto mais desenvolvida ela for, mais facilmente se compreenderá o papel da educação. Também é lícito referir que, em virtude de uma maior capacidade de análise que os

seus cidadãos têm, maior será a transmissão do conhecimento, maior o nível do debate e da consciência com os deveres e as responsabilidades na defesa e na promoção dos direitos humanos e sociais. (DIAS, PINTO, 2019).

Segundo Pinto e Dias, “a educação é um processo constante na história de todas as sociedades, entretanto o processo educativo não é o mesmo em todos os tempos e lugares, e se acha vinculado ao projeto de cidadania e sociedade que se quer emergir.” (DIAS; PINTO, 2019). Nesse contexto, a arte surge como um possível alicerce para a educação, que quando implementada de forma eficaz, por meio de metodologia adequada, é capaz de proporcionar a construção de uma sociedade munida de seres com pensamento crítico e criativos. Pois, “formar cidadãos que possam interpretar um mundo que se oferece cada vez mais mediado por um imenso fluxo de imagens, também é tarefa dos historiadores”. (MONTEIRO, 2013, p. 14).

A arte e a história são matérias separadas no currículo escolar, no entanto é possível aplicá-las de forma interdisciplinar, oferecendo assim diferentes perspectivas, conceitos e habilidades do mesmo conteúdo. Garantindo uma ótima aprendizagem aos alunos, pois segundo Robinson e Aronica “no mundo fora das escolas, uma boa parte do que ocorre é interdisciplinar”. (ROBINSON; ARONICA, 2019, p. 128).

Sendo assim, o ensino interdisciplinar destes componentes curriculares permitirá o desenvolvimento de uma base de ensino, na qual os interesses pessoais dos estudantes também serão abrangidos. Pois, segundo Pereira “uma arte dialogada estabelece relações sobre a obra de arte, o professor e os alunos entre si, no qual as postulações estabelecidas entre os sujeitos podem iniciar um diálogo com diferentes repertórios e contribuições”. (PEREIRA, 2019, p. 13).

Nesse contexto, a arte na educação não é apenas um exercício ou matéria escolar, ela é de suma importância para o desenvolvimento do ser na sociedade, principalmente em duas fases: na alfabetização e na socialização durante a adolescência. Na fase criança para “alfabetização como necessidade de conquista de uma técnica e na adolescência como necessidade de equilíbrio emocional” (BARBOSA, 2014, p. 27).

Sendo que, no processo de socialização da criança, a mesma recebe um olhar mais complacente do adulto, pois a arte é vista como fruto da imaginação, um mundo de fantasias. No entanto, durante a adolescência, devido às regras da sociedade, o ser é obrigado a deixar essa imaginação de lado e dar lugar a números, palavras e ciências, ou seja, a arte é pintada como um perigo. (BARBOSA, 2014, p. 28).

Desse modo, percebe-se que a razão e imaginação são colocadas, muitas vezes, em compartimentos separados, marcadas como opostas, enquanto deveriam ser utilizadas como complementares. Por exemplo, ao tratar sobre o desenvolvimento do Brasil, “os desenhos das caravelas portuguesas são utilizados de forma mecânica, ou seja, são relacionados somente à questão de navegação, entretanto, poderiam ser abordados de forma orgânica”. (BARBOSA, 2014, p. 28).

Esse ensino orgânico consiste em uma aprendizagem mais articulada, no qual todos os sistemas aparentemente separados como disciplinas e grades curriculares são intimamente relacionados e dependem uns dos outros, englobando a educação infantil, o ensino fundamental e o médio em uma comunidade de pessoas com relações, biografias e sensibilidades únicas. (ROBINSON; ARONICA, 2019, p. 62). No entanto, na contemporaneidade, essa forma de ensino orgânica ainda é pouco utilizada, pois de acordo com Barbosa “há um desconhecimento da complementariedade que existe entre a razão e a imaginação em todo o processo genuíno de aprendizagem”. (BARBOSA, 2014, p. 30).

Para Robinson, “a educação é um sistema vivo que se manifesta de inúmeras formas, todos os dias, nas ações das pessoas. É precisamente por isso que o sistema educacional é tão complexo e diverso, que ele pode ser mudado e de fato muda”. Desse modo, ao apresentar as caravelas portuguesas aos alunos, temas relacionados à estrutura, às condições humanas e às doenças, poderiam ser abordados por meio da interpretação e releitura da imagem. (ROBINSON apud ROBINSON; ARONICA, 2019, p. 63).

À vista disso, percebe-se que a arte na educação pode auxiliar o indivíduo na fase da vida em que ele deixou de ser criança, em que se vê como consciência interrogante e ainda não é adulto. (BARBOSA, 2014, p. 31). Pois, a imaginação é um estímulo imprescindível para alcançar uma verdade nova e contribuir para avanços importantes na humanidade. Já que “todos os relatos dos grandes cientistas, como por exemplo Poincaré ou Einstein, falando de seu trabalho, mostram o quanto a imaginação e a intuição estão na base de qualquer investigação científica”. (BARBOSA, 2014, p. 32).

Dessa forma, percebe-se que a arte ao ser utilizada como ferramenta em sala de aula, auxilia no desenvolvimento cognitivo do aluno, no momento em que torna a aprendizagem de história mais dinâmica e atrativa. Pois,

Muitos alunos aprendem melhor quando estão ativamente fazendo coisas e não apenas estudando ideias de maneiras abstratas: quando sua curiosidade é despertada, quando estão fazendo perguntas, descobrindo novas ideias e experimentando por conta própria a excitação dessas disciplinas. (ROBINSON; ARONICA, 2019, p. 131).

Ademais, segundo Robinson e Aronica (2019, p.128), “a arte lida com a qualidade das experiências humanas, por meio da música, da dança, das artes visuais, do teatro e de seus demais formatos dando formas aos sentimentos sobre nós mesmos e sobre como vivenciamos o mundo a nossa volta”. Sendo assim, é possível sobrepor as disciplinas de história e arte, já que ambas lidam com experiências humanas, a arte de forma individual e a história no sentido de coletividade.

Nesse contexto, verifica-se que as duas disciplinas podem ser utilizadas no ensino de ciências humanas, uma vez que “o estudo de humanidades amplia e aprofunda a compreensão dos alunos sobre o mundo, sua diversidade, complexidade e tradições, buscando o desenvolvimento de uma consciência crítica dos diferentes tempos e culturas.” (ROBINSON; ARONICA, 2019, p. 128). Ademais, uma das preocupações do ensino em História é trazer esse conhecimento relacionado com o espaço, tempo e contexto social no qual o ser se insere, a fim de consolidar uma consciência histórica.

Segundo Schmidt (SCHMIDT, 1998 apud SCHIMDT; GARCIA, 2005, p.1), “o momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor oferece ao seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de um esforço e de uma atividade esse conhecimento é solidificado”. Sendo de extrema importância, pois sem o conhecimento desse passado, o ser não compreende a importância de sua própria história e não tem autonomia de escolhas e diálogos. Sem uma consciência histórica, tanto sociedade quanto indivíduos se submetem passivamente, por não terem conhecimento do que são ou foram. (SCHIMDT; GARCIA, 2005, p.1)

Segundo Jorn Rüsen, historiador, professor e filósofo alemão que, por volta da década de 1970, desenvolveu a expressão *consciência histórica*, ela “é essencial ao ser, e tem uma “função prática” de dar identidade aos sujeitos e fornecer à realidade em que vivem, por meio da articulação de passado, presente e futuro.” (JORN RÜSEN, 1992 apud SCHIMDT; GARCIA, 2005, p.1). Desse modo, a consciência histórica quando trabalhada juntamente com a arte possibilita uma melhor compreensão destes aspectos como um todo, já que

O tempo, como a mente, não é objeto do conhecimento em si mesmo. Somente conhecemos o tempo pelo o que acontece nele e pelas observações das mudanças e permanências. Os intervalos entre ação são tão insignificantes quanto as próprias ações, para definir o tempo em relação ao artefato estético. Paradoxalmente, em arte, a prova do tempo existe na matéria e no espaço e, portanto o tempo em arte se configura prioritariamente na ordem visual. (BARBOSA, 2014, p.106).

Nesse contexto, uma pintura ao adentrar em sala de aula, por meio de sua leitura e contextualização, oferece ao aluno a possibilidade de adquirir uma consciência histórica não

apenas do que é o passado social, econômico e político, religioso, mas também de que todos são agentes da história, ou seja, parte ativa de seu processo. Portanto, esse saber histórico é construído também fora da sala de aula, pois ele é inerente do ser humano, o qual pode ser adquirido “da experiência humana, em diferentes formas: na realidade cotidiana; na tradição, na memória dos seus familiares, grupos de convívio, grupos da localidade”. (SCHIMDT; GARCIA, 2005, p.1).

Isto também pode ser visualizado na arte, pois quando a artista produz uma tela, por exemplo, as vivências do seu passado estarão presentes em cada detalhe. As quais podem ser utilizadas como instrumento em aula, pois segundo Robinson e Aronica (2019, p. 201), “uma educação afetiva, gera entusiasmo dos alunos pela aprendizagem”. Desse modo,

A arte apresenta-se como um recurso versátil que simultaneamente cumpre os objetivos gerais da educação (a arte ao serviço do ensino), potenciando o desenvolvimento da sensibilidade estética, imaginação e espontaneidade dos alunos, e contribui para formação cultural dos indivíduos. Mais do que versatilidade e variedade (existem várias formas de expressão artística e diferentes acepções do termo arte), a arte aproxima o aluno da cultura (da sua e da do outro), permite-lhe desenvolver a sua capacidade de análise, de espírito crítico e de interpretação. (CHAMINÉ, 2017, p. 33).

Nessa conjuntura, aprender história por meio da arte instiga o aluno, pois faz com que o mesmo tenha um maior interesse e se sinta visualmente atraído pelo assunto, como pode ser visto na pesquisa do mestrado de Maria Helena A. Chaminé (2017, p. 104) a qual indicou que

A utilização de recursos e aplicação de trabalhos alusivos às manifestações artísticas preferidas destes alunos nas aulas de História teve um impacto positivo. Verificou-se que principalmente nos alunos do 1º curso profissional de instrumentista, onde foram ministradas o maior número de aulas, houve uma alteração de atitude em relação à disciplina de História, tornando-se mais positiva. Na generalidade, passaram a considerar esta disciplina como uma das suas favoritas, demonstraram ter maior interesse em aprender os conteúdos da disciplina e sentimentos mais positivos para com ela (Chaminé, 2017, p. 104).

Antes de qualquer coisa, o educador objetiva não apenas gerenciar e ensinar conhecimentos para o aluno, mas também desenvolver determinadas habilidades cognitivas, abrindo caminhos na subjetividade deste, ajudando-o a ser um cidadão melhor para uma sociedade futura. Desse modo, a arte certamente é uma ferramenta que, dentro de suas

variáveis aplicações, fornece elementos propícios para uma construção de sua personalidade. Isso porque, “dessa maneira as necessidades relacionadas ao instinto humano são superadas e ampliam a perspectivas de pensamentos” (MOREIRA, 2007, p. 168) proporcionando ao aluno autonomia.

Assim, ensinar com a arte não implica em tornar alunos em artistas, mas em desenvolver sua subjetividade, criatividade e sensibilidade tornando-os pessoas com senso crítico e em cidadãos inteligentes que consigam com suas próprias capacidades superar e construir sua realidade ao seu redor. Pois, “o ser humano vive a arte no seu cotidiano, cada um à sua maneira, uns se utilizam dela por questões de sobrevivência, outros pela satisfação individual como meio de diversão, terapia e até mesmo como forma de descoberta do mundo” (KÁCIA, 2016, p. 96).

Dessa maneira, dar acesso a várias obras de arte para o aluno, aplicando-a como uma ponte de construção de aprendizagem a este, lhe possibilitará ter noção das mudanças das sociedades ao longo dos tempos, como também, uma percepção das diversidades culturais existentes, possibilitando o desenvolvimento de um diálogo intercultural, tornando-o mais sensível às informações e observações no meio ao qual está inserido. Pois:

A arte de outros povos, de outros tempos, as diferenças ou congruências entre essas produções podem suscitar no aluno o encantamento, o estranhamento, a provocação, a indignação e a revitalização do seu mundo simbólico, que lhe permite dialogar com o de outros, expandido e incorporando conteúdos novos, ampliando seu repertório e interesses. (IAVELBERG, 2017, p. 170).

4. A arte moderna e primitivista de Tarsila do Amaral vista em “A Negra”

No início do século XX, artistas plásticos cubistas parisienses apropriaram-se de uma concepção de arte primitivista, a qual permitia explorar a cultura não ocidental por meio de realidades mais naturais, menos sofisticadas e a retração de povos estrangeiros. (PETRY; FLORES, 2019, p. 86). Nesse contexto, Tarsila do Amaral associa-se ao cubismo primitivista, pois este lhe oferece “estratégias, por meio das quais ela poderia se libertar do estilo naturalista de sua formação acadêmica inicial e buscar composições novas e modernas”. (CASTRO, 2019, p. 56).

Buscando fugir dos condicionamentos de padrões artísticos da Europa, Tarsila serve-se do movimento para a criação de sua obra “A Negra”, desenvolvendo seu primeiro esboço percorrendo os corredores do Museu de Etnografia do Trocadero. Pois, “ali e nas coleções privadas de seus colegas franceses, ela teria visto exemplos de máscaras e esculturas da África Ocidental, muitas delas apresentando características faciais e corporais estilizadas”, as quais tornaram-se inspirações para o esboço da tela (Figura 3). (CASTRO, 2019, p. 58).

Figura 3: Esboço



Figura 3: Esboço. Acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Brasil.

Fonte: Tarsila Popular; Masp, p. 24.

Eis o esboço:

Olhos oblíquos e pálpebras salientes, nariz achatado, lábios pronunciados bem baixos no queixo e, mais perceptivelmente, a cabeça da figura, angular e de formato estranho, ao qual faltam cabelos e orelhas, de que assim parece uma máscara, detalhes bem visíveis, até mesmo pequenos brinco de argola. (CASTRO, 2019, p. 58).

Nesse cenário, observa-se que parte da obra “A Negra”, nasce de uma cultura africana lactente, pois as máscaras africanas (Figura 4) representam muito mais do que meros adereços ao seu povo, são considerados

Símbolos ritualísticos que têm o poder de aproximar as pessoas da espiritualidade sendo peças produzidas como instrumentos essenciais em diversos ritos, como rituais de iniciação, nascimentos, funerais, celebrações, casamentos, curas de doentes e outras ocasiões importante, é criada uma atmosfera mágica a fim de transformar os participantes que vestem as máscaras em representações de antepassados, espíritos, animais e deuses. (AIDAR, 2019).

Figura 4: Máscara africana

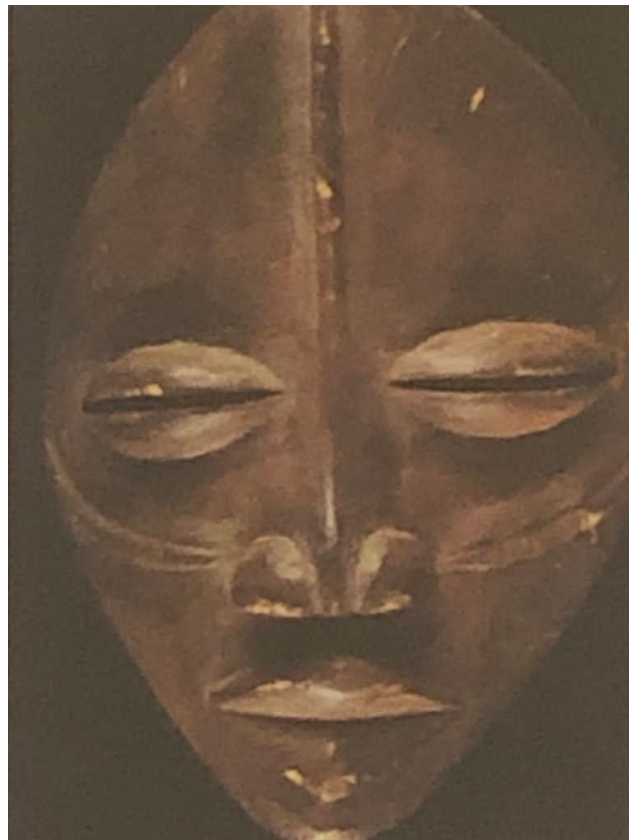


Figura 4: Máscara africana. Acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Brasil.

Fonte: Tarsila Popular; Masp, p. 56.

Desse modo, se o primeiro esboço da tela “A Negra”, nasce da observação da cultura africana exposta no Museu de Etnografia do Trocadero, ao transformá-lo em uma tela, a artista plástica retrata em seus traços a cultura africana juntamente com os reflexos de sua

infância, marcada pela escravidão recém abolida no Brasil. Já que durante esse período de sua vida, na fazenda de café de sua família Amaral, a figura das escravas negras era comum, pois

Elas tinham as mais diversas funções dentro das casas grandes e dos sobrados dos senhores: criadas, mucamas, cozinheiras, ama de leite, amas-secas, até mesmo de amantes dos senhores; muitas vezes, com a condescendência das senhoras, pois se tratava de uma sociedade conservadora e machista. (R. SILVA, 2014, p.20)

Nessa conjuntura, a artista utilizou-se de diferentes elementos para a construção da tela, as máscaras, suas memórias e a fotografia de uma empregada da fazenda de sua família, “que a artista colou em um de seus diários de viagem, sem data, ficando difícil saber se a imagem forneceu um modelo indireto para pintura de 1923, no entanto, a posição da mão é bem similar com a da obra.” (SMALL, 2019, p. 42). Assim, percebe-se que “A Negra”, não tem em si somente o sopro da escravidão, mas a raiz da cultura africana, a qual pode ser utilizada como instrumento valioso de aprendizagem em sala de aula.

A obra “A Negra”, ao adentrar em sala de aula, como instrumento de ensino, levará a indagação não somente do período transcorrido história, mas também de todo o contexto do povo africano, no qual o negro foi arrancado e desconstruído de sua identidade cultural. Assim, a tela pode ser trabalhada para ensinar a cultura do povo africano, resgatando aos seus descendentes o orgulho de pertencer a ele. Evitando situações como a filósofa e escritora Djamila Ribeiro relata ter passado em sala de aula:

Lembro que nas aulas de aula de história sentia a orelha queimar com aquela narrativa que reduzia os negros a escravidão, como se não tivessem um passado na África, como se não houvesse existindo resistência. Quando aparecia a figura de uma mulher escravizada na cartilha ou no livro, sabia que viriam comentários como: olha a mãe da Djamila aí. Eu odiava essas aulas ou qualquer menção ao passado escravocrata, me encolhia não cadeira tentando me esconder (RIBEIRO, 2018, p. 8).

Deste modo, apoiar-se na arte como uma via que possibilite falar da escravidão negra paralelamente com a cultura africana em uma sala de aula, trará primeiro noções de um povo pertencente à uma cultura para depois associá-lo aos acontecimentos vivenciados por estes. Evitando, assim, uma história fragmentada e uma visão etnocêntrica, porque “é imperativo que a história e a cultura da África sejam também vistas de dentro, sem serem analisadas por valores exclusivamente europeus”. (KI-ZERBO, 2010 apud VISENTINI; RIBEIRO; PEREIRA, 2014, p. 21).

Pois, a África é culturalmente um conjunto plural e um mosaico de nações étnicas correspondentes a identidades distintas e não somente um lugar de abastecimento humano no período da escravidão. Portanto, faz-se cada vez mais necessário utilizar-se de ferramentas didáticas, como a arte, por exemplo, para evitar a estimulação do racismo em sala de aula, ou em situações futuras.

Assim, torna-se responsabilidade dos professores juntamente com o corpo docente, buscar novos métodos, para a construção do conhecimento, principalmente de temas sensíveis como a escravidão. A fim de evitar que situações como a da filósofa Djamila Ribeiro ocorram no futuro com outras crianças e adolescentes negros no ambiente escolar. Para tal é necessária uma abordagem e Ana Mae Barbosa nos meados de 1990 sistematizou a “abordagem triangular”, a qual não se trata de uma metodologia e nem modelo. Pois, não é um processo engessado e muito menos segue um padrão teórico, mas é dialógica e flexível aceitando mudanças e transformações aplicadas pelo professor em sala de aula e com o aluno em seu ensino. (BARBOSA, 2014, p. 22).

Esta abordagem triangular é uma ferramenta para o professor possibilitando-o na aplicação de seus passos leitura, contextualização e fazer, transformando a pintura em um conhecimento que decodificado desenvolve-se em uma aprendizagem para o aluno exercitando suas habilidades futuras, pois “as imagens pertencem ao nosso cotidiano e interferem na maneira como nos relacionamos com o mundo” (PEREIRA, 2019, p. 19). Nesse contexto, “isso significa a apreensão do seu código, não como código em si mesmo, um léxico e uma gramática, mas como exigência e estrutura da própria obra” (BARBOSA, 2014, p.22) não se limitando apenas no saber-fazer, onde por alguns anos a arte ficou retida na educação, mas como um texto a ser lido e contextualizado.

Na prática, segundo a abordagem triangular, o eixo leitura seguido de questionamentos trará quase sempre “respostas bastante diversificadas” (SILVA; MOLINA, [2008], p. 6), tornando possível o desenvolvimento crítico do aluno no momento da leitura visual. Segundo Silva e Molina, é ao “recorrer ao alfabetismo visual como forma de o indivíduo interpretar a linguagem imagética, ou a reprodução iconográfica, de acordo com elementos pessoais que viabilizem a leitura do que lhe é representado” (SILVA; MOLINA, [2008], p. 5) que a subjetividade vai se desenvolver.

Um exemplo do uso de obras da Tarsila do Amaral para o ensino de História, mencionado na pesquisa de Silva e Molina, teve como seu objetivo dar noções para o aluno de que não existe história total, mas perspectivas diversas utilizando para isso a leitura iconográfica das obras. Foram aplicadas três pinturas em sala de aula, as quais possibilitaram

perceber a relevância de “questões referentes à definição de arte na atualidade e, inclusive, a conflitos de gerações com relação ao antigo e o moderno, conceitos que estão diretamente ligados à ideia de tempo e espaço históricos”. (SILVA; MOLINA, [2008], p. 9). Essa experiência ajudou os estudantes a terem noções de que não é somente a fotografia que contém momentos da realidade, mas também toda obra de arte. Essa atividade pedagógica permitiu que os alunos aprendessem que a arte é um recorte do tempo que se vive.

Pois na arte, quando esta é criada pelo artista, há nela além de sua interpretação do mundo concepções de um coletivo no qual este artista está inserido. Existe também na pintura e em suas formas “certa cultura, dentro de uma ideologia”. (PEREIRA, 2019, p. 9). Permitindo que esta fonte não verbal, mas sim visual, tenha manifestações concretas de significados para serem lidas e interpretadas, que poderão auxiliar e contribuir em muito para uma didática em história.

Segundo Abdias Nascimento (2016, p. 113), o sistema educacional funciona como aparelho de controle nessa estrutura de discriminação cultural em todos os níveis do ensino brasileiro, pois as matérias ensinadas constituem um ritual de formalidade e ostentação da Europa e mais recentemente dos Estados Unidos, pois

Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira no currículo escolar? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram e ensinadas nas escolas brasileiras? Ao contrário, quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra, além disso, a cultura e origem africana, na integridade do seus valores, na dignidade de suas formas e expressões, nunca teve reconhecimento no Brasil, desde a fundação da colônia, quando os africanos e suas culturas chegaram ao solo americano. (NASCIMENTO, 2016, p. 113)

Nesse aspecto, em 9 de janeiro de 2003, a Lei 10.639 é implementada, a qual “torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, incluindo como conteúdo programático a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. (BRASIL, 2003). Essa lei auxilia na introdução desta temática tão importante, no entanto o docente deve encontrar as ferramentas necessárias e adequadas, por meio da abordagem triangular, por exemplo, para incluir esse assunto no ensino, de forma que toda a cultura africana seja abrangida, não relacionando esse povo à inferioridade e à escravidão.

Recentemente, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, disponibilizou um material pedagógico desenvolvido por pesquisadores e professores da instituição e da rede pública de ensino do Rio Grande do Sul, o qual serve como apoio para o ensino obrigatório da

cultura africana e afro-brasileira em sala de aula. Ele é constituído por uma coleção de cartões de diversas obras de artistas afrodescendentes de diferentes gerações, como Pelópidas Thebano (1934), Carlos Alberto de Oliveira (1951-2013) e Leandro Machado (1970). (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2018).

Nele há reproduções de obras de artes, textos breves sobre os autores do estado e formas de como utilizar a linguagem das obras em sala de aula. Além disso, o material visa ressaltar a importância de apoiar-se em obras de arte para desenvolver o ensino da cultura africana e afro-brasileira, pois as obras possibilitam que o aluno se aproxime da cultura e perceba que a mesma também está inserida em seu contexto regional. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2018).

Como a escravidão é um tema histórico sensível apoiar-se em uma tela como “A Negra” facilita a abordagem e desenvolvimento do assunto, pois é uma obra que carrega em sua imagem a cultura do povo africano, mas também o trabalho escravo. Na qual, Tarsila pintou os traços étnicos juntamente com a história das escravas amas de leite, por meio de lembranças de sua memória da fazenda de café, onde a artista teve contato com negros empregados, os quais foram retirados de sua cultura e obrigados a permanecer na margem de outras. (PETRY; FLORES, 2019, p. 90).

Pois, como Silvio Romero sentenciou: “Nós temos a África em nossas cozinhas, América em nossas selvas e Europa em nossas salas de visitas”. (Silvio Romero apud NASCIMENTO, 2016, p. 114). Desse modo, por meio do ensino da cultura africana, talvez a África fosse retirada da cozinha e coloca em um lugar de destaque na sala de visitas, possibilitando que todos conhecessem a cultura e o povo africano verdadeiramente, por meio de suas crenças, hábitos e não por uma visão reducionista de escravidão.

Sendo assim, utilizar-se de uma obra tal forte como “A Negra” cria uma série de oportunidades para adentrar na cultura de um povo, por meio de suas crenças, costumes, hábitos e tradições do período em que foi desenvolvida. Oportunizando a compreensão da raiz dos seus descendentes para que os mesmos orgulhem-se de sua cultura, evitando também constrangimentos pelo qual tantos de descendência negra já passaram e passam.

Ademais, trabalhar didaticamente com a obra “A Negra” proporcionará um diálogo reflexivo entre o conhecimento da obra de arte, o professor e o aluno e dos alunos entre si, tal confluência tece “caminhos entre sujeitos e ideias, como diálogos entre o que eu sei e o que o outro sabe, o que o outro e eu desejamos, as crenças dos sujeitos e os valores do coletivo” (PEREIRA, 2019, p. 13). Pois, a aproximar e oferecer o conhecimento ao aluno das obras de arte inserindo-as em seu mundo em sala de aula também proporcionará a este um olhar mais

crítico e detalhado ampliando sua identidade cultural e permitindo através de uma interdisciplinaridade junto “com o conhecimento de arte e da história” uma didática menos engessada e uma aula, ao olhar do aluno talvez mais interessante. (BARBOSA, 2014, p. 34)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa percebeu-se a necessidade de um melhor aproveitamento da arte, a qual poderia ser utilizada como ferramenta didática no ensino da disciplina de história. Possibilitando a construção do conhecimento junto com o aluno, ajudando-o a adquirir uma consciência histórica, cultural e crítica, por meio do melhor entendimento e compreensão do mundo no qual faz parte.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral analisar como a pintura da artista Tarsila do Amaral, “A Negra” (1923), poderia ser utilizada como instrumento para o ensino de história em sala de aula, a fim de possibilitar a construção de um contexto histórico completo de temáticas sensíveis, como a escravidão. Assim foi constatado que é possível por meio da obra de arte em sala de aula construir aprendizagens com diálogos culturais que favoreçam uma melhor explanação de questões referente a períodos históricos que necessitam de um viés, mais alusivo a identidades culturais.

O objetivo específico inicial era analisar os possíveis aproveitamentos da arte em sala de aula como fonte no ensino de história, o qual foi atingido, pois no decorrer da pesquisa foi verificado por meio de livros, artigos, revistas e documentos eletrônicos que existe uma linguagem reflexiva do contexto em que a artista reproduziu a tela. A qual pode ser utilizada como um texto histórico em formato de imagem durante a aula.

Já o segundo objetivo foi investigar a obra “A Negra” de Tarsila do Amaral no período de 1923 e para alcançar essa meta foi revisado sua biografia “Tarsila sua obra e seu tempo” e um livro catálogo “Tarsila Popular” do MASP contido de vários artigos escrito por autores diferentes dentro da área das artes plásticas. Este livro foi fundamental, pois auxiliou na coleta de informações sobre os elementos, como a sua infância, que inspiraram a artista a dar forma à sua obra.

E o terceiro objetivo, era descrever o uso da obra “A Negra” como instrumento de ensino de história em sala de aula, o qual foi concluído. Pois, no decorrer da pesquisa verificou-se que a obra nasceu da composição de diferentes elementos, da infância de Tarsila, de fotografias e máscaras africanas. Os quais podem ser utilizados como instrumento no ensino de temáticas, como a escravidão, ressaltando a importância cultural do povo africano e evitando reduzir os negros a escravos.

A pesquisa partiu da hipótese de que por meio da pintura era possível servir-se de sua linguagem como ferramenta didática em sala de aula no ensino de história. E durante o trabalho, verificou-se que a obra contém em sua imagem a reflexão do artista e do contexto

que está inserido, descobrindo-se com isso, que há um texto construído e valioso cultural a ser aproveitado em forma de aprendizagens para o aluno.

Desse modo, confirma-se pelas análises do capítulo três que a obra de arte “A Negra” da Tarsila do Amaral pode ser utilizada no ensino de história. Pois, por meio da sua leitura e contextualização é possível realizar esclarecimentos sobre a cultura africana, antes de introduzir a temática de escravidão, evitando uma história fragmentada e uma visão etnocêntrica.

Para reunir informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa, os métodos recorridos foram a busca por dados contidos em livros, catálogos de exposição de artes, artigos, revistas, pesquisas de mestrados e documentos eletrônicos. Os quais permitiram e facilitaram o andamento do trabalho, contribuindo para atingir seu êxito e resultados positivos.

Diante da metodologia proposta, percebe-se que o trabalho poderia ser realizado com uma pesquisa mais ampla para analisar os aspectos sobre a cultura africana. No entanto, foram encontradas certas dificuldades para obter acesso a mais informações sobre essa cultura, e com isso foi necessário apoiar-se também em sites de reportagens para confirmar algumas dúvidas em relação ao assunto.

Já as temáticas de educação e arte foram mais fáceis de obter, pois a quantidade de pesquisas desenvolvidas referentes a esses tópicos é variada. Porém, devido à limitação de tempo dessa própria pesquisa, não foi possível um aproveitamento mais aprofundado desses conhecimentos.

Sendo assim, evidencia-se ser necessário mais estudos sobre a temática da pesquisa a fim de obter melhores resultados e também complementação de pesquisas que englobem uma dinâmica de aplicabilidade no próprio espaço escolar, a fim de coletar resultados mais significativos.

6. REFERÊNCIAS

- AIDAR, Laura. **Máscaras africanas: importância e significados**. São Paulo, 18 out. 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/mascaras-africanas/>. Acesso em: 19 ago. 2020.
- AMARAL, Aracy A. **Tarsila: Sua obra e seu tempo**. 4º. ed. rev. São Paulo: 34, 2010. 501 p. ISBN 978-85-7326-266-7.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte**. 9. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2014. 145 p. ISBN 978-85-273-0047-6
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 8, p. 1, 10 jan. 2003. ISSN 1677-7042
- CASTRO, Maria. Tanto paulista quanto parisiense: o pensamento racial em "A Negra". *In*: MINISTÉRIO DA CIDADANIA (Brasil). Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. **Tarsila Popular**. 1. ed. São Paulo: MASP, 2019. cap. 3, p. 54-67. ISBN 978-85-310-0069-0.
- CHAMINÉ, Maria Helena Aldinhas. **O ensino da História através das Artes**. 2017. 137 p. Relatório de Estágio (Mestrado em História) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2017. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/106832>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- DIAS, Eriká; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. Educação e Sociedade. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 104, 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/s0104-40362019002701041>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362019000300449. Acesso em: 17 ago. 2020.
- IABELBERG, Rosa. **Arte/Educação modernista e pós-modernista: fluxos na sala de aula**. 2º. ed. rev. Porto Alegre: Penso, 2017. 200 p. ISBN 978-85-8429-105-2.
- INSTITUTO VIDAS RARAS (São Paulo). Qual é a importância da educação?. *In*: INSTITUTO VIDAS RARAS (São Paulo) (org.). **Instituto Vidas Raras**. [S. l.], [2019]. Disponível em: <http://www.vidasraras.org.br/site/politicas-publicas/424-qual-e-a-importancia-da-educacao>. Acesso em: 10 ago. 2020
- KÁCIA, Carol (org.). **A educação nas múltiplas linguagens das artes**. 2º. ed. rev. Curitiba: Appris, 2016. 135 p. ISBN 978-85-473-002906.
- MENDONÇA, Francicélia Maria. Alfabetização cultural: o ensino de história e o patrimônio cultural na educação básica. **I Seminário Didática e Ensino de História**, Natal/RN, p. 1-24, 22 jun. 2011. Disponível em: <http://files.sedeh.webnode.com.br/200000065-d05efd0dd0/Francicelia.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2020.
- MINISTÉRIO DA CIDADANIA (Brasil). Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand; PEDROSA, Adriano; OLIVA, Fernando (org.). **Tarsila Popular**. 1. ed. rev. São Paulo: MASP, 2019. 352 p. ISBN 978-85-310-0069-0.

MONTEIRO, Charles. **Pensando sobre história, imagem e cultura visual**. Patrimônio e Memória, São Paulo, v. 9, ed. 2, p. 3-16, 2013. Disponível em: http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8294/2/Pensando_sobre_Imagem_Historia_e_Cultura_Visual.pdf. Acesso em: 10 nov. 2019.

MOREIRA, Roseli Kietzer. **Conceitos sobre a educação estética**: contribuições de Schiller e Piaget. Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 1, ed. 2, p. 158-169, 2007. Disponível em: <https://gorila.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/687/603>. Acesso em: 11 nov. 2019.

NASCIMENTO, ABDIAS. **O genocídio do negro brasileiro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. 229 p. ISBN 978-85-273-1080-2.

PEDROSA, Adriano; OLIVA, Fernando. Tarsila Popular. *In*: MINISTÉRIO DA CIDADANIA (Brasil). Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (org.). **Tarsila Popular**. São Paulo: MASP, 2019. cap. 1, p. 31-37. ISBN 978-85-310-0069-0.

PEREIRA, Katia Helena. **Como usar artes visuais na sala de aula**. 2º. ed. rev. São Paulo: Contexto, 2019. 133 p. ISBN 978-85-7244-350-0.

PETRY, Michele Bete; FLORES, Maria Bernardete Ramos. Na caverna de Tarsila: sobrevivência do primitivo como presença não colonial. *In*: MINISTÉRIO DA CIDADANIA (Brasil). Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. **Tarsila Popular**. 1. ed. São Paulo: MASP, 2019. cap. 6, p. 84-97. ISBN 978-85-310-0069-0.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 148 p. ISBN 978-85-359-3113-6.

ROBINSON, Ken; ARONICA, Lou. **Escolas Criativas**: a revolução que está transformando a educação. Tradução de Luís Fernando Marques Dorvillé. Porto Alegre: Penso, 2019. 258 p. ISBN 978-85-8429-161-8.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 25, n. 67, 2005. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000300003>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000300003&nrm=iso&tIng=pt. Acesso em: 17 ago. 2020.

SILVA, Robson Roberto. Seios negros para crianças brancas. **Leituras da história**. São Paulo, ed. 78, p. 20-25, 1 dez. 2014

SILVA, Susana Aparecida; MOLINA, Ana Heloísa. **Investigando ensino de história e as temáticas de cidade e campo nas pinturas de Tarsila do Amaral**. História-UEL, [s. l.], [2008]. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/SusanaASilva.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

SMALL, Irene V. Plasticidade e reprodução: "A Negra" de Tarsila do Amaral. *In*: MINISTÉRIO DA CIDADANIA (Brasil). Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. **Tarsila Popular**. 1. ed. São Paulo: MASP, 2019. cap. 2, p. 38-53. ISBN 978-85-310-0069-0.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (Rio Grande do Sul) (org.). **Arte negra nas escolas**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2018. 34 p. v. 1. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/deds/publicacoes/material-pedagogico>. Acesso em: 13 nov. 2020.

VISENTINI, Paulo Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; PEREIRA, Analúcia D. **História da África e dos africanos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. 236 p. ISBN 978-85-326-4433-6.